SENADO FEDERAL

REQUERIMENTO
Nº 1.395, DE 2004

Requeiro, nos termos dos artigos 218, inciso VII e 221 do Regimento Interno inserção em ata de voto de pesar pelo falecimento do líder Palestino, Yasser Arafat, falecido hoje na França, aos 75 anos.

Justificação

Nascido em 1929, com o nome de Mohammad Abdel Rauf Arafat al Qudwa al Husseini, Arafat foi casado com Suha, com quem teve uma filha, Zahwa, hoje com nove anos de idade.

Arafat participou da resistência palestina à criação de Israel em 1948. Tornou-se o principal líder dos palestinos na luta pela criação de seu Estado independente, seja no campo de batalha ou na mesa de negociações.

Exilado no Kuait, em 1959 fundou o Fatah, movimento nacionalista que se tornaria, nos anos 1960, o núcleo principal da Organização para a Libertação da Palestina (OLP). Sua autoridade permaneceu intacta durante os anos 60 e 70, mesmo quando foi criticado por seguimentos da comunidade internacional por comandar ações em favor da causa palestina.

Ao fim da guerra árabe-israelense de 1967, Arafat reapareceu após dois anos na clandestinidade usando o nome de Abu Ammar, pelo qual é chamado até hoje pelos palestinos. Instalou-se na Jordânia, País com grande população palestina, comandando milícias que realizavam incursões contra Israel. As ações deram grande destaque à causa palestina. Em 1970, entrou em choque com o rei da Jordânia, Hussein, gerando o chamado "setembro negro". Ele e a OLP acabaram expulsos do País. Estabeleceram-se no Líbano. Em 1982, quando Israel ocupou o País, Arafat e a OLP foram mais uma vez expulsos indo para a Tunísia.

Além do militarismo, Arafat valeu-se de estratégias muitas vezes discutíveis para consolidar sua liderança no movimento palestino. Uma de suas decisões mais controvertidas ocorreu no começo dos anos 90, quando apoiou Saddam Hussein na Guerra do Golfo (1991). Essa decisão privou a OLP de grande parte de suas fontes de renda, já que a entidade era financiada por governos de países árabes que se opunham ao expansionismo de Saddam. Com a derrota do Iraque, a OLP ficou sem aliados e sem dinheiro, e Arafat acabou sendo forçado a fechar acordos com Israel sob termos nem sempre aceitos por seus comandados.

Tanto ele como o premiê israelense Yitzhak Rabin e Shimon Peres receberam o Prêmio Nobel da Paz pelos acordos de Oslo, de 1993. Arafat retornou à faixa de Gaza no ano seguinte. Como Presidente da Autoridade Nacional Palestina – ANP, Arafat teve dificuldades para definir seu papel e manter tanto israelenses quanto palestinos comprometidos com o que ele chamou da "paz dos bravos". Anos depois, um plano oferecido pelo então Primeiro-Ministro de Israel, Ehud Barak, foi o mais próximo que palestinos e israelenses chegaram de um acordo definitivo de paz. Mas, por causa da falta de garantia do retorno de refugiados palestinos a Israel e de uma solução negociada para o "status" de Jerusalém, Arafat recusou os termos do acordo.

Em meados de 2000, fracassou a tentativa de assinatura de um acordo final de paz com Israel. Seguiu-se a Intifada, a revolta palestina. Desgastado com o saldo da Intifada, Arafat vinha perdendo popularidade até Israel aumentar a pressão sobre ele. O que um dia havia sido um processo de paz transformou-se praticamente numa guerra aberta. O conflito levou o governo israe-

lense a confinar Arafat em seu escritório em Ramallah (Cisjordânia), onde ele viveu por quase três anos.

A maior ameaça recente ao seu controle total sobre os palestinos ocorreu em maio de 2003, com a pressão americana para a reforma na ANP e a indicação de Mahmoud Abbas [conhecido como Abu Mazen], colega dos tempos de exílio da OLP, para o cargo de primeiro-ministro.

Arafat não aceitava a elevação de Mazen a primeiro-ministro e entrou em confronto com ele. Mazen estaria querendo aumentar a repressão a grupos militantes como o Hamas e o Jihad Islâmico. Arafat acabou vencendo, e Mazen renunciou, sendo substituído por Ahmed Korei.

Um acordo entre Arafat e Korei, em que este obteve o controle de parte das forças palestinas, pôs um fim à crise.

Tive a oportunidade de dialogar pessoalmente com o Presidente Yasser Arafat, em três ocasiões. A primeira foi quando de sua visita em Brasília, na segunda metade dos anos noventa, onde dialogou com inúmeros parlamentares. A segunda ocorreu por iniciativa do Rabino Henry Sobel, em julho de 1998, em companhia da então Deputada Federal e hoje Prefeita de São Paulo, Marta Suplicy, quando fizemos uma visita a Israel e à Palestina. Conversamos também com o ex-Primeiro-Ministro, Shimon Perez, com a viúva de Yitzhak Rabin e com o Presidente da Autoridade Palestina, Yasser Arafat.

O terceiro encontro foi em julho do ano passado, ocasião em que lhe entreguei, a pedido do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, uma mensagem de amizade do povo brasileiro, com o seguinte teor:

"Apresento-lhe meus mais cordiais cumprimentos e votos de boa saúde e felicidade. Por intermédio do Presidente da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional do Senado Federal, Senador Eduardo Suplicy, que participa de Seminário para Parlamentares da América Latina organizado pelo Ministério das Relações Exteriores de Israel, desejo transmitir-lhe sincera e calorosa mensagem de amizade do povo brasileiro.

O Brasil acompanha com atenção e esperança os esforços de paz que vêm sendo empreendidos pela Autoridade Nacional Palestina e pelo Governo de Israel com vistas à obtenção de uma paz justa e duradoura na região. Exortamos palestinos e israelenses a perseverarem na busca do fim do conflito e na criação de condições para que se estabeleça um Estado Palestino independente que conviva lado a lado com o Estado de Israel, em harmonia e segurança dentro de fronteiras internacionalmente reconhecidas.

O Governo brasileiro acredita que o exemplo de convivência pacífica, em nosso País, entre os brasileiros de origem árabe e judaica indica o caminho para o estabelecimento de uma era de tolerância e entendimento no Oriente Médio que beneficie todos os povos da região e propicie a intensificação de suas relações com todos os povos amigos.

Aproveito a oportunidade, para renovar a Vossa Excelência os sentimentos de mais alta consideração."

Nesta ocasião, Yasser Arafat encontrava-se relativamente bem de saúde. Ele me recebeu com bom humor e muita disposição. Agradeceu ao Presidente Lula a atenção de ter-lhe enviado a mensagem. Quando lhe perguntei como via os esforços de paz e se acreditava que havia possibilidade de serem bem-sucedidos, ele disse que dependeria muito do controle, da vigilância e do acompanhamento por parte do denominado quarteto, composto pelo Governo dos Estados Unidos, pela União Européia, pelo Governo da Rússia e pelas Nações Unidas. Disse que era preciso acompanhar o processo passo a passo.

Espero que a memória do Presidente Yasser Arafat possa significar um grande empenho do povo palestino e israelense para que se estabeleça a paz no Oriente Médio e para a superação dos obstáculos entre judeus e palestinos, com o reconhecimento de ambos os povos de terem o direito à sua nação.

Sala das Sessões, 11 de novembro de 2004. – Senador **Eduardo Matarazzo Suplicy** – Senadora **Ideli Salvatti** – Senadora **Heloisa Helena** – Senador **Pedro Simon.**

Publicado no **Diário do Senado Federal** de 12 - 11 - 2004